

PORTUGUÊS**FRENTE 1****MÓDULO 25
PRONOMES****INDEFINIDOS E DEMONSTRATIVOS**

- 1) B 2) b, c, e, f 3) D 4) B
5) D
a) homem pobre = de poucos recursos
pobre homem = homem infeliz
b) grande chefe = poderoso
chefe grande = de proporções avantajadas
c) mestres simples = modestos
simples mestres = meros
e) homem algum = nenhum
algum homem = qualquer
6) D
7) João e José nunca chegam a um acordo com Antônio. Se **este** acha correta uma atitude, o **primeiro** logo a considera ruim e o **segundo** recusa-se até mesmo a discuti-la.

**MÓDULO 26
NÍVEIS DE LINGUAGEM I**

- 1) C – Em *a*, a marca de oralidade está em “pra ela feito bobo”; em *b*, em “peraf” e “tô”; em *d*, em “dizque” e “pra”; em *e*, em “Engraçadinho de uma figa!”.
2) C – “a gente”, “aí a gente pega”, “pra”, “tem um monte”.
3) B – Em *a*, “nada a ver com o pato” é gíria; em *c*, “nhenhênem” e “blablablá”; em *d*, “quem dança”; em *e*, “cara”, “tipo assim” e “tá ferrado”.
4) E 5) C

**MÓDULO 28
PRONOMES RELATIVOS**

- 1) **que**: relativo
nosso: possessivo
o (lo): pessoal oblíquo
todo: indefinido
este: demonstrativo
aquilo: demonstrativo
que: relativo
quem: relativo
2) D
3) a) onde b) em que c) onde
d) onde e) onde f) em que
4) B
5) a) Feliz o pai **cujos** filhos são ajuizados.
c) Comprou uma casa maravilhosa, **que** custou uma fortuna.
d) Preciso de um pincel delicado, sem **o qual** não poderei terminar o meu quadro.
e) Os jovens, com **cujos** pais conversei, prometeram mudar de atitude.

- 6) D – a) de que; b) em que; c) a que; d) que; e) a cuja.
7) D

**MÓDULO 29
NÍVEIS DE LINGUAGEM II**

- 1) D. ... *Tinha peito* para usá-la.
2) “Nada o escapa” é a forma incorreta. Correto é “nada *lhe* escapa”.
3) A forma coloquial é “me avisem”. Na linguagem culta, o correto é: “avisem-me”.
4) C 5) E

**MÓDULO 31
PRONOMES – EXERCÍCIOS**

- 1) O pronome **onde** não foi empregado corretamente, pois seu antecedente não indica lugar.
“Entraremos na era da alta tecnologia **em que (ou na qual)** o homem será beneficiado pelos avanços da modernidade.”
2) D 3) A 4) B
5) a) A menina de cujos olhos eu gosto ainda não chegou.
b) O homem para quem eu telefonei ontem não estava em casa.
c) A rua em que eu gosto de correr é toda arborizada.

**MÓDULO 32
AMBIGUIDADE**

- 1) a) A palavra é “barata”.
b) O adjetivo “barata”, referindo-se à literatura, tanto pode significar literatura de má qualidade quanto livros de literatura que custam pouco.
2) a) Da minha varanda, eu vi o crime (ou Eu estava na varanda e vi o crime). Eu vi o crime que aconteceu na varanda.
b) *da*
3) B 4) C 5) B

**MÓDULO 34
VERBOS I – PRESENTE**

- 1) C 2) C 3) D
4) a) vimos
b) entretêm, provêm
c) dispõem, predispõem
d) reveem, vêm
e) anseiam
f) vás
g) caibo
5) A (CIRZO)
6) a) *Nós, os amantes, nos amamos cruelmente / e com nos amarmos tanto não nos vemos.* O aposto *os amantes* poderia ser excluído; também seria

possível praticar uma silepse de pessoa, mantendo *os amantes* como sujeito: *Os amantes nos amamos...*
b) *Eu me beijo no outro, refletido. / Dois amantes que somos? Dois inimigos.*

**MÓDULO 35
NARRAÇÃO**

- 1) B (“Pobre da Dona Casemira.”)
2) E 3) E

**MÓDULO 37
VERBOS II – IMPERATIVO**

- 1) A
2) D (engula)
3) a) julgues; b) ponha; c) abandones
d) Envie; e) Vá; f) Devolve
4) A 5) C

**MÓDULO 38
ELEMENTOS BÁSICOS DA NARRAÇÃO**

- 1) B 2) C 3) D

**MÓDULO 40
VERBOS III –
PRETÉRITO E FUTURO**

- 1) D 2) A 3) B 4) A
5) B (depuser)
6) E – Em *a*, veem; em *b*, interveio; em *c*, depuser; em *d*, reouveram.

**MÓDULO 41
TEMPO E ESPAÇO DA NARRAÇÃO**

- 1) C
2) E – O registro é de linguagem informal ou coloquial.
3) Numa noite de escuro, às primeiras notícias (= assim que deram as primeiras notícias), e em seguida, na noite escura, de madrugada, então, quando se viu livre.

**MÓDULO 43
VERBOS IV – FORMAS NOMINAIS**

- 1) E
2) B
a) havia dispersado;
c) tinha incluído;
d) tinha enxugado;
e) estava envolta.
3) B – O gerúndio (formas verbais em *-ndo*, como *rebolando*, *bamboleando* etc.) é intensivamente empregado no texto transcrito, resultando num “efeito de movimento rápido”. É de lamentar, neste

teste, que o **gerúndio** seja tratado como “tempo ou modo” verbal, quando na verdade se trata de uma **forma nominal** do verbo, não correspondendo nem a tempo nem a modo.

4) B

MÓDULO 44 ENREDO

- 1) O narrador contratou uma empresa de mudança. Um homem examinou os velhos móveis e acertou o preço. Os carregadores da companhia chegaram e, indiferentes ao valor sentimental dos objetos, empilharam tudo. O narrador, então, desejou atear fogo aos objetos porque eles representavam seu próprio envelhecimento e decrepitude.
- 2) B – O texto dá como certa “a inimizade entre as duas senhoras” (portanto, é “fato” que elas eram “desafetas”) e informa que se dizia que o paroquiano, ao relatá-lo, mentia (portanto, é “boato” que ele fosse mentiroso).

MÓDULO 46 ADVÉRBIO I

- 1) São advérbios ou locuções adverbiais: *demaís, alto, meio, muito tarde, bastante, só* (pensa), *em futebol, claro, tão*.
- 2) A – Os adjuntos adverbiais “no Carnaval de 1967” e “de Madureira à Gávea” exprimem, respectivamente, circunstância de tempo e de lugar.
- 3) D 4) A
- 5) B – O advérbio *bem* indica circunstância de intensidade do adjetivo *quente*. Também são advérbios: em *a, bastante, rapidamente*; em *c, muito, bem*; em *d, calma, decididamente*; em *e, bem, mal, hoje*.
- 6) B – Na primeira oração, “só” significa *somente*; na segunda, *sozinha*; na terceira, *meramente, simplesmente*.
- 7) C – Só a alternativa *c* descreve adequadamente o sentido dos advérbios destacados.

MÓDULO 47 ANÁLISE DE UM TEXTO NARRATIVO (CONTO)

- 1) C 2) A 3) D

FRENTE 2

MÓDULO 17 O CANCIONEIRO GERAL DE GARCIA DE RESENDE

- 1) XVI – Garcia de Resende – *Cancioneiro Geral* (de Garcia de Resende)

- 2) palaciana
- 3) música – lidos/recitados – palácios
- 4) amor – Petrarca – eu
- 5) cinco – sete
- 6) Bernardim Ribeiro – Sá de Miranda – Gil Vicente

MÓDULO 18 CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: “A CARTOMANTE”

- 1) C 2) E 3) B

MÓDULO 19 PLATÃO: O “MITO DA CAVERNA”

- 1) D – De acordo com o texto lido em sala de aula, uma teoria do conhecimento consiste numa “teoria sobre o *que* conhecemos e *como* conhecemos”. É correto concluir, portanto, que há um tipo de busca de conhecimento que se dedica a investigar o próprio conhecimento e seus mecanismos, de que modo passamos a saber das coisas do mundo. Os erros das demais alternativas consistem em: a) apenas a opinião é verdadeira ou falsa (o conhecimento corresponde, por si só, ao verdadeiro); b) segundo Platão, o mundo sensível é um mundo ilusório, e não o mundo verdadeiro; c) a luz da fogueira cria ilusões na parede da caverna, portanto ela “distorce” a realidade ou cria uma falsa realidade, ao passo que o Sol ilumina verdadeiramente e, se ele cega no início, depois torna possível o conhecimento; em e) não há nenhuma relação entre o mundo das ideias e o universo religioso ou mítico, pois o mundo inteligível está associado à razão.
- 2) D – No contexto em que aparecem, os termos apresentados nas alternativas *a, b, c* e *e* mantêm entre si relação de sinonímia ou similitude. Na alternativa *d*, os termos mantêm entre si relação de oposição.
- 3) Sócrates e Glauco.
- 4) O mundo em que vivemos.
- 5) As coisas materiais e sensoriais que percebemos.
- 6) O filósofo.
- 7) A luz da verdade.
- 8) O mundo das ideias verdadeiras ou da verdadeira realidade.

MÓDULO 20 CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: “UNS BRAÇOS”

- 1) C – O terceiro parágrafo transcrito (“Não foi; sentiu-se agarrado...”) relata a atração que Inácio sentia por D. Severina.
- 2) B – Na primeira ocorrência, “criança” exprime a observação “tranquilizadora”

de D. Severina, tentando negar o caráter sexual do interesse de Inácio, diante da “voz da consciência” que lhe censurava o desejo. Na segunda ocorrência, ouve-se a “outra voz”, desejosa, que admite a possibilidade de o interesse do rapaz ter sido despertado por seus atrativos femininos.

- 3) A – “Que admira que começasse a amar” é a frase do monólogo interior de D. Severina que justifica a resposta a este teste.
- 4) E – D. Severina rejeita momentaneamente a ideia de que Inácio se sentisse atraído por ela, por sua beleza, mas logo conclui “que sim”, ou seja, que o rapaz de fato a desejava.
- 5) D – *Incipiente* significa “iniciante”.
- 6) D – A alternativa apresenta um discurso interior da personagem D. Severina, pois é um pensamento de justificativa de seu sentimento, introduzido no texto sem a utilização de verbos de elocução e de sinais de pontuação característicos do discurso direto.

MÓDULO 21 O “MITO DA CAVERNA” EM NOSSOS DIAS

- 1) “Em um tempo”, “juntamente” e “de uma coisa”.
- 2) Uma possibilidade de transformação: “Coitado! que em um tempo choro e em outro rio; em um momento espero e em outro temo, às vezes quero e às vezes aborreço; em uma hora me alegre e em outra me entristeço, em uma coisa confio e de outra desconfio.”
- 3) O aspecto contraditório das emoções.
- 4) As oposições, não simultâneas, presentes na vida, a diversidade de emoções.
- 5) Dez (versos decassílabos).
- 6) ABBA-ABBA-CDE-CDE.

MÓDULO 22 CONTOS DE MACHADO DE ASSIS: “CONTO DE ESCOLA”

- 1) D – No texto está escrito que “Raimundo gastava duas horas em reter aquilo que a outros levava apenas trinta ou cinquenta minutos”; portanto ele tinha dificuldade para aprender e precisava estudar muito mais do que seus colegas.
- 2) B – “Conto de Escola” é narrado em primeira pessoa. No final do fragmento, o pronome *conosco*, primeira pessoa do plural, indica que o ponto de vista é da personagem (Pilar, conforme se vê no desenrolar do conto). A predominância da descrição psicológica é evidente logo de início (“era mole, aplicado, inteligência tarda”), confirmando-se em várias passagens.
- 3) B – No enunciado, o pronome demonstrativo *aquilo* exerce função sintática de

objeto direto do verbo *reter*. A mesma classificação morfológica e função sintática se verificam em “Vencia com o tempo o que não podia fazer logo com o cérebro”, em que a palavra *o* é pronome demonstrativo e exerce função sintática de objeto direto de *vencia*.

- 4) A – A corrupção corresponde ao fato de Raimundo ter oferecido dinheiro ao narrador, em troca de algum esclarecimento a respeito de sintaxe.

MÓDULO 23

CAMÕES: ENTRE A “MEDIDA NOVA” E A “MEDIDA VELHA”

- 1) D 2) C 3) D

MÓDULO 24

CAMÕES: “A MULHER QUE PASSA”

- 1) Os versos têm cinco sílabas métricas (redondilho menor), sendo, portanto, da chamada *medida velha*.

2)
E / les / ver / des / são,
1 2 3 4 5
E / têm / por / u / san(ça)
1 2 3 4 5
Na / cor, / es / pe / ran(ça)
1 2 3 4 5
E / nas / o / bras, / não.
1 2 3 4 5
Vos / sa / con / di / ção
1 2 3 4 5
Não / é / d’o / lhos / ver / (des)
1 2 3 4 5
Por / que / me / não / vê / (des).
1 2 3 4 5

- 3) O mote tem versos rimados (*-edes / -edes*). As duas estrofes das voltas também apresentam rimas regulares, já que o primeiro verso rima com o quarto e o quinto verso e o segundo, com o terceiro. Temos, portanto, o seguinte esquema de rimas: AA-BCCBBAA-DAADDAA.

- 4) “Sirvo de gíolos.”

- 5) Revelam que se trata de uma mulher que pode trazer a infelicidade, pode levar à ruína quem a ama.

[Conheça o que outros autores escreveram sobre o olhar da amada:

“Teus olhos são negros, negros, como as noites sem luar.” (Castro Alves)

“Olhos verdes, de ondas sem fim,
Por quem jurei de vos possuir...”

(Manuel Bandeira)

Talvez porque nenhuma tinha os olhos de
ressaca, nem os de cigana oblíqua e dis-
simulada.

(Machado de Assis)

Oh, minha amada
Que olhos os teus
São cais noturnos
Cheios de adeus.

(Vinícius de Moraes)]

- 6) No texto de Vicente Paiva, o eu lírico compara os olhos verdes da mulata à cor do mar e da mata.

- 7) C

- 8) Em ambos os textos, a mulher parece desdenhar o sentimento que o eu lírico lhe devota.

MÓDULO 25

CAMÕES: SONETOS

- 1) Devem ser tomadas como modelo as obras antigas (no caso, os grandes autores gregos e latinos). [Observação importante: *imitar*, na poética antiga, não é *copiar* — uma prática sempre condenada —, mas sim *tomar como modelo*.]
- 2) Tem primazia a razão. A paixão deve estar subordinada ao controle racional.
- 3) Não. A arte não deve só exprimir beleza, mas também elevação moral — o belo deve estar aliado ao bom.
- 4) C

MÓDULO 26

CAMÕES: OS LUSÍADAS – ORGANIZAÇÃO GERAL DO POEMA

- 1) Não. O caráter coletivo do herói já é indicado no título do poema: *Os Lusíadas*. O poeta propõe-se a cantar o povo português, seus navegadores, guerreiros e heróis imortais. Vasco da Gama é apenas o herói individual do maior feito marítimo de toda uma nação.
- 2) Não. Ele pede inspiração às Tágides, ninfas do rio Tejo, “nacionalizando” suas musas.
- 3) Contrastando com o tom vibrante e ufanista do início, o epílogo é pessimista, desencantado e crítico em relação à decadência do país e dos portugueses de então, esquecidos dos valores nacionais. É uma clara premonição da derrocada de Portugal, submetido em 1580 ao domínio espanhol, e da retração do Império do Oriente.
- 4) São falsas: I, II, III, VII e VIII.

I. *Os Lusíadas* foram compostos integralmente em decassílabos, na medida nova. Formalmente, nada têm de medieval. A Idade Média sobrevive no “conteúdo” do poema: as navegações como ideal de cruzada, a fala do Velho do Restelo e o episódio cavaleiresco dos Doze de Inglaterra.

II. A narração começa em I, 19, com os navegadores em pleno Oceano

Índico, no canal de Moçambique, já no meio do caminho para as Índias.

- III. A narração não é linear, pois, além de se desenvolver do meio para o fim, há três narrativas que se alternam (a viagem, a história de Portugal e a Guerra dos Deuses) e vários narradores (o eu poemático, Vasco da Gama e Paulo da Gama).
- VII. *Os Lusíadas* não são uma epopeia fruto apenas da erudição clássica e histórica de Camões; são também projeção da experiência de vida do autor, também ele soldado, navegador, naufrago, “exilado” 17 anos no Oriente.
- VIII. O herói principal é coletivo, todo o povo português.

MÓDULO 27

OS LUSÍADAS – O VELHO DO RESTELO

Todas estão corretas.

MÓDULO 28

OS LUSÍADAS – O GIGANTE ADAMASTOR

- 1) O mar é presença constante no poema, é o pano de fundo de toda a história e seu ruído frequentemente ressoa nos versos de Camões, graças aos efeitos de harmonia imitativa em que o poeta era exímio.
- 2) Porque o episódio de Inês de Castro é dominado pelo amor: conta-se uma grande história de amor, que culmina no sacrifício extremo da amante (a morte de Inês). Portanto, o elemento heroico, central na épica, não se encontra nesse episódio.
- 3) O amor tem grande importância em *Os Lusíadas*, pois é visto como sendo mais do que um sentimento; é visto como força cósmica, força que move o mundo.
- 4) Também no episódio do Gigante Adamastor e no da Ilha dos Amores, o amor desempenha importante papel, seja, respectivamente, por sua intensidade e caráter trágico, seja por representar uma compensação por um feito magnífico, superior.
- 5) C – A estrofe versa sobre a impotência do homem, que, no mar e na terra, encontra perigos e sofrimentos, devendo ainda submeter-se à cólera divina, que se arma e se indigna “contra um bicho da terra tão pequeno”.

MÓDULO 29

OS LUSÍADAS – INÊS DE CASTRO

- 1) I e III.
- 2) I. “De tamanhas vitórias triunfava / ... /...quem tudo enfim vencendo andava”;

III. “De larga e muita idade foi vencido / ... / E pagaram seus anos deste jeito / À triste Libitina seu direito.”

- 3) No poema, a inundação “de lágrimas” deve-se à morte do rei.
- 4) Porque o rei está morto.
- 5) D
- 6) Inês também foi vítima da sede do Amor. No episódio, o Amor é tratado como um deus que exige não apenas as lágrimas de suas vítimas, mas também seu sangue para saciar a sede. Além disso, Inês foi vítima de seu próprio destino; é como se já estivesse escrito que ela teria esse trágico final, como podemos perceber na passagem: “Mas o pertinaz povo e seu destino / (Que desta sorte o quis) lhe não perdoam”.

MÓDULO 30 BARROCO: INTRODUÇÃO

- 1) As metáforas da primeira estrofe são: “Aurora”, para as faces rosadas; “Sol”, para o brilho dos olhos; “dia”, no sentido de manhã, para o frescor da boca.
- 2) O vento é comparado a Adônis, porque, ao espalhar o cabelo de Maria, parece um belo jovem que quisesse namorar a moça.
- 3) É a metáfora de um cavalo que passa rápido em seu trote e que vai pisando as flores que há pelo caminho. Essa imagem insiste na passagem veloz do tempo e na

brutalidade dos estragos que acarreta, destruindo toda juventude e toda beleza.

- 4) B – A expressão “tão mau ofício” refere-se aos roubos que o pirata praticava contra os pescadores. A frase “Assim é” explicita a concordância do autor com o que diz o pirata, e não com a atitude de Alexandre.
- 5) A – No texto, parte-se de uma ideia particular para se chegar a uma ideia geral, e o autor não inocenta o pirata, mas apenas o põe em “pé de igualdade” com Alexandre, no que diz respeito ao fato de ambos “roubarem”.

MÓDULO 31 GREGÓRIO DE MATOS

- 1) satírico – sociedade de sua época / sua cidade
- 2) sete
- 3) A crítica se refere à economia do país.
- 4) A visão é extremamente pessimista, e antecipa o colapso total da economia brasileira.
- 5) B

MÓDULO 32 ANTÔNIO VIEIRA

- 1) Trata de um tema que constantemente inquieta o ser humano: a inevitável marcha do tempo e as mudanças que essa

marcha acarreta, como, por exemplo, a extinção do amor.

- 2) “Tudo cura o tempo, tudo faz esquecer, tudo gasta, tudo digere, tudo acaba”. (Nesse trecho, também há anáfora; conferir questão 3.)
- 3) “*Tudo* cura o tempo, *tudo* faz esquecer, *tudo* gasta, *tudo* digere, *tudo* acaba”; “Afrouxa-lhe o arco, *com que* (...); embota-lhe as setas, *com que* (...); abre-lhe os olhos, *com que* (...); faz-lhe crescer as asas, *com que* (...)”; “*Quem ama, porque* conhece (...); *quem ama, porque* ignora (...)”; “*Assim* como a ignorância (...), *assim* no amor (...)”; “*Quem, ignorando, ofendeu, em rigor não é* delinquente; *quem, ignorando, amou, em rigor não é* amante.”
- 4) D
- 5) Afrouxa seu arco, com que já não atira; embota suas setas, com que já não fere; abre seus olhos, com que vê o que não via; e faz crescer suas asas, com que voa e foge.
- 6) C – As interjeições *uai*, *caramba*, *gente*, *Meu Deus* e *puxa* podem ser expressão de espanto, surpresa; *oxalá* é usada para exprimir desejo.